Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Baltazar, Isabel

O "Espírito Europeu" : fundamentos para uma Europa Unida

http://hdl.handle.net/11067/5640

Metadados

Data de Publicação 2007

Resumo Este estudo procura reflectir sobre os fundamentos para uma Europa unida, considerando que a unidade europeia não se fará através de instituições ou de políticas comunitárias. A verdadeira unidade passa por dar uma “Alma à Europa”, ou seja, por reencontrar o espírito europeu, lema da Conferência de Berlim (2004). Este espírito está refl ectido na sua cultura. Uma Europa da Cultura é a chave para o futuro da União Europeia, como mostram os Encontros para a Europa da Cultura (2005), e, mais recent...

This study aims to refl ect upon the foundations for a united Europe, bearing in mind that European unity will not be achieved through community institutions and policies. True unity entails providing “Europe with a Soul”, that is, renewing the European spirit, the motto for the Berlin Conference (2004). This spirit reflects on its culture. A Europe of Culture is the key to the future of the European Union as the Meetings for a Europe of Culture show (2005) and, more recently, the commemorations...

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 04 (2007)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-16T05:42:20Z com informação proveniente do Repositório

O "ESPÍRITO EUROPEU"
FUNDAMENTOS PARA UMA EUROPA UNIDA.
O contributo dos Encontros Internacionais de Genebra (1946)

Isabel Baltazar
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)
ibaltazar@fcsh.unl.pt

Resumo

Este estudo procura reflectir sobre os fundamentos para uma Europa unida, considerando que a unidade europeia não se fará através de instituições ou de políticas comunitárias. A verdadeira unidade passa por dar uma "Alma à Europa", ou seja, por reencontrar o espírito europeu, lema da Conferência de Berlim (2004). Este espírito está reflectido na sua cultura.

Uma Europa da Cultura é a chave para o futuro da União Europeia, como mostram os Encontros para a Europa da Cultura (2005), e, mais recentemente, as comemorações dos 50 Anos dos tratados de Roma (2007). Muito antes, já os Encontros Internacionais de Genebra (1946) reflectiam sobre esse "Espírito Europeu".

Palavras-chave

Europa / União Europeia / Cultura / Espírito Europeu / Construção Europeia

Abstract

This study aims to reflect upon the foundations for a united Europe, bearing in mind that European unity will not be achieved through community institutions and policies. True unity entails providing "Europe with a Soul", that is, renewing the European spirit, the motto for the Berlin Conference (2004). This spirit reflects on its culture.

A Europe of Culture is the key to the future of the European Union as the Meetings for a Europe of Culture show (2005) and, more recently, the commemorations of the 50 Years of the Treaties of Rome (2007). However, long before this the Geneva International Meetings (1946) had already reflected upon this "European Spirit".

Key-Words

Europe / European Union / Culture / European Spirit / European Construction

A Europa deve conceber uma alma. A Europa tem de voltar a ser um Guia para a Humanidade. A Europa não é contra ninguém. A Europa Unida é um símbolo da solidariedade universal do futuro. Antes da Europa se tornar numa aliança militar ou numa unidade económica, terá de ser uma unidade cultural no mais pleno sentido da palavra. A unidade da Europa não se fará, nem unicamente nem principalmente, através de instituições europeias; a sua criação seguirá a evolução dos espíritos.

(Robert Schuman, *Pour l' Europe*)

O que é a Europa?

Estamos no tempo certo para Pensar a Europa. Muito se tem discutido sobre o seu futuro, um futuro mais ou menos (in) certo, antecipado por uma construção europeia que, embora cheia de avanços e recuos, já tem uma vida cinquentenária. Esta maturidade permite compreender que é na consciência europeia, muito anterior a qualquer construção europeia propriamente dita, que se encontra a chave para abrir um futuro para a Europa. Esta consciência da Europa perpassa toda a história europeia, desde os seus fundamentos históricos comuns aos momentos de guerra, sendo que os primeiros lhe têm sempre permitido (sobre) viver a todos os conflitos, acabando por mostrar, em última instância, que existe uma unidade para além de toda a diversidade. É sobre essa unidade ontológica europeia que faz sentido continuar a reflectir sobre o projecto europeu.

O presente europeu mostra uma certa aproximação a uma Europa construída pela cultura. A Europa como uma grande zona económica deu sinais evidentes de não ter futuro. Os grandes impulsos de construção europeia lançados durante o século XX, a partir dos conflitos europeus, parecem ser retomados para combater o "eurocepticismo". É a vez dos intelectuais, historiadores e filósofos, se pronunciarem sobre o destino europeu. Uns, como Jacques Le Goff, têm defendido a via de uma Europa Cultural, fundamentada na sua história comum: "Predomina a ideia de fazer da Europa, como quer a maioria dos ingleses, uma grande zona económica, quando a Europa unida deve ser acima de tudo cultural.

A História mostra-nos que, em toda a Europa, da Escandinávia à Grécia e a Portugal, existem elementos fundamentais de uma mesma cultura e, também, de uma Europa política"[1]. Outros, como Edgar Morin, pensam a Europa, conscientes das dificuldades da sua essência:

"Na origem da Europa não há um princípio fundador original. O princípio grego e o princípio latino vêm da sua periferia e são-lhe anteriores; o princípio cristão vem da Ásia e só desabrochará na Europa nos fins do seu primeiro milenário. Todos estes princípios terão de ser agitados, sacudidos, misturados, na barafunda dos povos invadidos, invasores, latinizados, germanizados, eslavizados, antes mesmo de se associarem e se oporem.

Se procurarmos a essência da Europa, mais não encontraremos do que um *espírito europeu* evanescente e asseptizado. Acreditar desvendar o seu autêntico atributo é ocultar um atributo contrário, não menos europeu. Deste modo, se a Europa é o direito é também a força; se é a democracia, é também a opressão; se é a espiritualidade, é também a materialidade; se é a moderação, é também a *ubris*, a desmesura; se é a razão é também o mito, incluído no seio da ideia de razão.

A Europa é uma noção incerta, nascida da barafunda, com fronteiras indefinidas, de geometria variável, sofrendo deslizes, rupturas, metamorfoses. Trata-se, por conseguinte, de interrogar a ideia de Europa justamente naquilo que ela tem de incerto, de turvo, de contraditório, para tentar extrair daí a identidade complexa"[2].

Todos reconhecem a dificuldade de definir a Europa, de reconhecer a sua verdadeira identidade. O próprio conceito de Europa tem conhecido inúmeras definições, e tantas outras explicações, desde a sua origem mitológica à sua (in) definição geográfica. Apesar das dificuldades, Lucien Febre atreveu-se a defini-la como um "Estado de sonho":

"Não chamo Europa a uma formação política definida, reconhecida, organizada, dotada de instituições fixas e permanentes, que assume, se se quiser, a forma de Estado ou de super-Estado, formação com que os Europeus, ou pelo menos certos europeus, podem muito bem ter sonhado por vezes, mas que nunca passou de um Estado de sonho, a qual, por conseguinte, devemos perguntar se está votada a tornar-se realidade ou condenada a permanecer como sonho;"[3].

Para este historiador, a Europa é uma unidade histórica, uma "incontestável inegável unidade histórica"[4], construída em data fixa, precisamente na Idade Média. Esta unidade, "como todas as outras unidades históricas, se faz de

[1] Jaques Le Goff, "Por uma Europa cultural", *Jornal de Letras*, 25 de Abril de 2007, p. 9.
[2] Edgar Morin, *Pensar a Europa*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, p. 33.
[3] Lucien Febvre, *A Europa. Génese de uma Civilização*, Lisboa, Editorial Teorema, 1999, pp. 25-26.
[4] Idem, *Ibidem*.

diversidades, de pedaços, de restos arrancados a unidades históricas anteriores"[5]. Esta Europa, sede do mundo europeu, forma um corpo organizado, composto por um conjunto de países, de sociedades, de civilizações, não se definindo por limites geográficos rígidos. Os seus limites vêm de dentro: " define-se de dentro pelas suas próprias manifestações, pelas grandes correntes que não cessam de a atravessar e desde há muito tempo – correntes políticas, correntes económicas, correntes intelectuais, científicas, artísticas, correntes espirituais e religiosas"[6].

Outros pensadores, como Eduardo Lourenço, atrevem-se a duvidar da existência da Europa. À pergunta – "O que é a Europa?" –, o ensaísta responde – "Nada"[7]. No entanto, o próprio se confessa como europeu:

"Eu sou muito europeu, como todos nós. Todos o somos, mais do que sabemos, mas só quando nos encontramos diante, ou no meio, de uma cultura que não seja europeia. Essa não-identidade, essa identidade virtual, feita apenas de negações, é um privilégio extraordinário, uma promessa de futuro. Significa que outros povos poderão partilhar a nossa não-identidade: todos aqueles que não acreditam na afirmação egoísta de si próprios, que é o vírus da História"[8].

A virtude da própria Europa é a sua não-identidade, ser um lugar de abertura. É esse modo singular de ser que lhe permite ser nada e ser tudo, como lembrava também em português, Fernando Pessoa, sendo a partir de Portugal que a Europa olhava o seu futuro[9].

O que é a Europa? Voltando a Eduardo Lourenço, a Europa é uma "utopia interessante"[10] e, ao mesmo tempo, uma "casa da impotência"[11]. No entanto, "a Europa nunca foi mais Europa do que hoje"[12]. Falta-lhe ultrapassar uma "bem sucedida colecção de egoísmos nacionais"[13], conservando a sua utopia, a paixão e o mito: "uma utopia europeia assumida só é digna de ser vivida como vitória da Europa sobre a Europa, da ficção de si mesma que, consciente e inconscientemente, tem condicionado o seu destino contra a sua realidade"[14]. Afinal, a grandeza da Europa é a sua não-identidade. Resta-lhe o "triunfo da sua sublime não-identidade sobre os fantasmas da sua alucinada identidade"[15].

[5] Idem, *Ibidem*.
[6] Idem, *Ibidem*.
[7] Eduardo Lourenço, "O que é a Europa? Nada", in *Courrier Internacional*, nº 75, p. 14.
[8] Idem, *Ibidem*.
[9] Fernando Pessoa, "O dos Castelos", *Mensagem*, Lisboa, Edições Ática, 1986, p. 21.
[10] Eduardo Lourenço, *A Europa Desencantada*, Lisboa, Gradiva, p. 239.
[11] Idem, *Ibidem*.
[12] Idem, *Ibidem*.
[13] Idem, *Ibidem*, p. 240.
[14] Idem, *Ibidem*.
[15] Idem, *Ibidem*.

Uma Europa da Cultura

Os *Encontros Internacionais de Genebra* merecem ser (re) lembrados. Pela sua referência histórica, por constituírem o primeiro momento de verdadeira reflexão sobre a unidade europeia pós-guerra, e pelo conjunto de figuras proeminentes que conseguiram aglutinar. São raros os momentos em que o futuro da história passa, também, pela voz dos intelectuais. Estes costumam antecipar o que, mais tarde, se torna, inevitavelmente, o caminho a seguir pelos políticos. A sua profunda reflexão permite-lhes discernir sobre a melhor solução para o seu tempo e, sobretudo, para os tempos futuros.

Em Genebra, em 1946, como em Paris, nos *Encontros para a Europa da Cultura*, em 2005. Estes últimos reuniram em Paris, 800 artistas e intelectuais dos 25 países da União Europeia, para "afirmar a dimensão cultural da Europa"[16]. Todos reflectiram sobre a essencialidade da Europa, debatendo temas como: *"Em que se funda o espírito europeu? Que papel teve a cultura na formação de uma identidade europeia? A cultura não se herda, conquista-se*"[17]. Sob o lema "Unidos na diversidade", destes encontros sairia uma "*Declaração a favor de uma Carta de Intenções para a Europa e a Cultura*"[18]. Este texto expressa a ideia de que "*a cultura está na origem da Europa onde vivemos*", e que, por isso mesmo, a cultura deve ser uma das prioridades da construção europeia.

Estes *Encontros para a Cultura na Europa* vêm na sequência da *Conferência de Berlim*, realizada em Novembro de 2004, intitulada "Dar uma alma à Europa". Esta conferência, propunha mesmo a inclusão de uma Carta da Cultura à Constituição Europeia, então em debate. Essa carta deveria conter "elementos que fomentem a unidade para além da diversidade cultural"[19], na sequência do preâmbulo da referida constituição que se referia expressamente à herança espiritual e aos valores comuns da Europa. Mais recentemente, a propósito dos 50 Anos da União Europeia, de novo, são afirmados os valores comuns europeus, na *Declaração de Berlim*:

"A Europa foi durante séculos uma ideia, uma esperança de paz e de entendimento. A esperança tornou-se realidade. A unificação europeia trouxe--nos paz e bem-estar. Criou um sentimento de comunhão e venceu divergências. Foi com o contributo de cada um dos seus membros que a Europa se unificou e que a democracia e o Estado de direito foram reforçados. Se a divisão *contra naturam* da Europa está hoje definitivamente superada, é graças ao amor que os povos da Europa Central e Oriental nutrem pela liberdade. A integração europeia é prova de que tirámos ensinamentos de um passado de conflitos sangrentos e de uma História marcada pelo sofrimento. Vivemos hoje numa comunhão que

[16] "A Cultura Europeia encontra-se em Paris", *Jornal Púlico*, 2 de Maio de 2005, p. 32.
[17] Idem, *Ibidem*.
[18] "A Cultura milita pela Europa", *Jornal Público*, 4 de Maio de 2005, p. 37.
[19] "Ministros propõem Carta da Cultura", *Diário de Notícias*, 28 de Novembro de 2004, p. 19.

nunca antes se havia revelado possível"[20].

A União Europeia tornou realidade os ideais europeus comuns. São os fundamentos históricos da Europa que tornam possíveis estes ideais, muitos já tornados realidade. A dimensão espiritual da Europa é a pedra lapidar para a construção europeia. Por isso, desde Genebra a Berlim, o percurso europeu tem como fio condutor o seu próprio espírito. Em Genebra, procurou discutir-se o "Espírito Europeu", em Berlim, sob o lema "Dar uma Alma à Europa", o fim é o mesmo, concretizado mais tarde nos Encontros de Paris, numa "Europa da Cultura", e, finalmente, na assinatura, 50 anos depois dos Tratados de Roma, de uma Declaração que consigna os valores comuns europeus. É a consciência do caminho a percorrer. A Europa só pode ser unida a partir dos fundamentos históricos comuns, alicerces da construção europeia.

Como lembra Eduardo Lourenço, é a própria Europa que desconfia de si própria, que é o seu próprio "cavalo de Tróia"[21]. Diz o autor:

"A Europa, em termos culturais e literários, foi sempre uma colecção de pontos de vista sobre si mesma. Sobretudo, desde o momento em que a sua virtual unidade cristã, onde a herança greco-latina se reciclara de maneira original se fragmentou e as nações, em sentido moderno, assumiram, cada uma por conta das respectivas línguas, a antiga vocação unitária da Cristandade. Esta leitura perspectivista da Europa cultural e literária, de recorte orteguiano, parece mais adequada àquilo em que ela se tornou do que uma outra, esta de saber leibniziano que, mais optimista, a imagina como um só corpo em que cada uma das suas nações seria como uma mónada misteriosamente fechada sobre si mesma e não menos misteriosamente, cantando, por assim dizer, a uma só voz e em uníssono"[22].

Todo o destino europeu tem sido marcado por esta instabilidade essencial. Durante toda a sinfonia europeia, muitas vozes dissonantes têm desafinado aquela aparente unidade. Toda a história da Europa é caracterizada por momentos destes, evidenciados no século XVIII pela dominância de duas culturas, continuados no século XIX pela agudização dos nacionalismos, atingindo o seu auge no século XX, em que os momentos de guerra fazem despontar, também, "a cena cultural europeia numa sinfonia voluntariamente desconcertante"[23]. Este "desconcerto europeu" é bem descrito pela literatura, um barómetro por excelência para sentir o pulsar europeu. Muitas vezes, o pulso quase não se sente, à custa de tantos

[20] Preâmbulo à *Declaração por ocasião do 50.º aniversário da assinatura dos Tratados de Roma*, 25 de Março de 2007, p. 1.
[21] Eduardo Lourenço, "Da Europa como cavalo de Tróia de si mesma", in *Cartas da Europa. O que é Europeu na literatura Europeia*?, Lisboa, Fim de Século, 2005, pp. 11-18.
[22] Idem, *ibidem*, p. 11.
[23] Idem, *ibidem*. O primeiro desses encontros realizou-se em Setembro de 1946, em Genebra.

conflitos políticos evidentes e de um latente divórcio entre os povos europeus. É necessário escutar os poetas e os escritores europeus, para perceber as causas desta tão grande desunião. Paradoxalmente, é o auge da desunião que provoca, também, o desejo de união entre os seus povos. São novamente os poetas e os escritores que melhor compreendem a realidade. São os políticos que procuram agir sobre essa realidade, muitas vezes à margem dela. Daí o fracasso de muitas políticas e o recuo perante a realidade europeia enigmática. O motor europeu parece ser o seu próprio abismo. Só "in extremis" a Europa encontra um futuro para si própria e se descobre como "casa comum":

"Há século e meio que vivemos da meditação ou da invenção de saídas oníricas, como são todas as da literatura, de um passado vivido não só como suicídio da mais rica e brilhante sociedade que o mundo conheceu, como do apocalipse planetário que parecia antecipar. Como os hebreus à saída do Egipto voltámo-nos para a velha Europa – há apenas meio século em ruínas – como para uma nova terra de promissão. Descobrimo-la como *casa comum* e voltámos a encontrar-nos nela, de Lisboa a Moscovo, com a naturalidade com que o fazíamos antes da I Guerra Mundial. Tornarmo-nos *europeus*, como se nunca o tivéssemos sido, tornou-se, não só na ordem política ou turística, uma proeza de que nem sequer nos admiramos. Deixámos de nos discutir como europeus, pacíficos e pacificados à força pelos nossos desastres, e decidimos, de olhos abertos, construir uma Europa que, em muitos sentidos, bem o precisava para não desaparecer, se não do mapa, de uma memória digna de registo. Mas quando acordámos para esta decisão, já éramos outros. O mundo tinha vindo ter connosco"[24].

Uma Europa que se reconhece a partir de fora de si mesma. Uma Europa "ferida de morte" que se levanta a partir dos outros, os que de fora, acreditam na sua vitalidade. Uma vitalidade própria de antigos colonizadores, uma imagem passada que permanece sua. Uma Europa presente, a caminho da sua própria autodestruição, que continua a ser para o mundo uma imagem de construção. Uma Europa que vive de imagens perante uma realidade desgastada pelos tempos, pela sua própria história. Essa imagem que o mundo tem da Europa torna-se, afinal, o seu próprio orgão vital. Uma Europa, quase, virtual, para a própria Europa que não sabe bem definir-se. Uma Europa-realidade para o mundo e objecto não identificado para si própria. Uma Europa que vive da utopia?

Os Encontros Internacionais de Genebra (1946)

Os Encontros Internacionais de Genebra tiveram o seu início em Setembro de 1946, e continuariam nos anos seguintes, reunindo alguns dos maiores expoentes

[24] Idem, *ibidem*, p. 12.

do pensamento mundial, numa série de realizações culturais sobre temas da actualidade. Estas realizações culturais compreendem conferências e debates, mas, também, concertos e representações teatrais que, pela sua importância, teriam um grande impacto em todo o mundo.

O primeiro destes encontros foi precisamente sobre "O Espírito Europeu", num tempo imediatamente pós-guerra, em que a Europa estava sob ruínas materiais e animicamente dilacerada. Que Espírito Europeu teria sobrevivido da guerra? Uma questão fundamental era pensada pelos mais representativos intelectuais da época, reunidos na cidade suíça com o propósito de pensar a Europa. Este encontro constitui uma tentativa pioneira de reflexão conjunta sobre a unidade europeia a seguir à segunda guerra, sendo, por isso, indispensável ser recordado. A par dos discursos políticos da época sobre a necessidade de reconstruir a Europa, como o famoso discurso de Churchill, estes debates sobre "O Espírito Europeu" representam a voz dos melhores representantes do pensamento contemporâneo. Assim, conviveram personalidades tão eminentes como um Julien Benda, Georges Bernanos, Karl Jaspers , Spender, Guéhenno, Flora, Rougemont, Salis e Lukács que, para além de apresentarem conferências sobre o tema, debateram proficuamente os seus pontos de vista sobre o espírito europeu.

a) A Europa nunca existiu

Julien Benda esforçar-se-ia por mostrar que a Europa enquanto um todo nunca existiu. Não é possível encontrar uma consciência europeia que se sobreponha à diversidade das várias parcelas da Europa, à maneira de uns Estados Unidos da América. Por isso, Benda opõe-se ao manifesto da organização que diz: "Não é verdade que a Europa deva ser, na sua totalidade, considerada responsável pela catástrofe. Se os Europeus deram o exemplo de não poucas loucuras, não é menos certo que a Europa foi também, sem interrupção, durante séculos, a parte preciosa do universo, o cérebro de um vasto corpo"[25]. Ao contrário de Paul Valéry, autor da expressão "a Europa foi o cérebro de um vasto corpo", para Julien Benda a Europa nunca foi o cérebro de um corpo pela simples razão de que esse corpo não existe. Não existe nenhum corpo coeso e uno; existem uma diversidade de partes nessa Europa que nunca se entendeu, como mostra a sua história, e bem demonstrado pelo fracasso da Sociedade das Nações.

A Europa é responsável pela catástrofe da guerra e nunca existiu uma unidade europeia enquanto tal, como pretende demonstrar o autor: "Mostrar-vos-ei que a Europa ignora a consciência da unidade em dois planos: 1.º) no plano político, 2.º) no plano espiritual. E vou insistir nesta ausência de unidade europeia no passado porque é dela que vão emergir as dificuldades que iremos encontrar

[25] Conferência de 2 de Setembro de 1946 pronunciada por Julien Benda, *O Espírito Europeu. Encontros Internacionais de Genebra*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1962.

para construirmos, hoje em dia, essa unidade"[26].

Apesar de acreditar na formação da Europa no século XX, esta Europa é "filha da ira" que se opõe a qualquer unidade, como mostra o triunfo da Antieuropa que abre esse século. É artificial querer encontrar uma unidade política europeia, como artificial ou inexistente é uma História da Europa. A Europa é um organismo heterogéneo e os europeus não desejam a homogeneidade. A única história possível seria: "História dos Europeus no seu desejo de não criarem uma Europa Una"[27].

Para Julien Benda, a Europa também não tem uma unidade espiritual, nunca existiu uma ideia de Europa. Toda a História da Europa é uma história de desunião, de divisão em nações. Por isso, o passado europeu não aponta para qualquer ideia de Europa:

"Os obstáculos que a ideia de Europa vai encontrar vêm justamente desse passado europeu compartimentado, cuja imagem acabo de vos recordar, e da marca profunda que ele deixa na alma dos povos do continente... *Porque é que a Europa não havia, como a América, de ter também os seus Estados Unidos*? Eis aqui uma assimilação muito superficial. A criação de uma unidade europeia vai conhecer dificuldades que o grande continente de além-Atlântico ignorou. Vai conhecê-las do ponto de vista político e do ponto de vista espiritual"[28].

Como resolver o problema da unificação espiritual da Europa? Para Julien Benda existem três meios: uma reforma profunda no ensino da história, que compreenda uma inversão dos valores; uma campanha a favor de uma língua europeia que se sobreponha às línguas nacionais; uma prioridade dada à ciência, que é universal, sobre a literatura, que é local, à razão sobre o sentimento. Tais são os meios para criar um espírito europeu.

b) O espírito europeu na história

Francesco Flora acredita na existência de um espírito europeu. Ao contrário de Julien Benda, para o qual esse espírito é uma criação artificial, para Flora toda a história mostra esse espírito. Diz ele: "Não fomos buscar a imagem do espírito europeu que tencionamos propor-vos a uma qualquer geografia, mais ou menos histórica, nem mesmo uma geografia que ultrapasse as fronteiras que nos habituámos a considerar para a Europa"[29]. O espírito europeu encontra-se na própria história, ultrapassando a própria geografia: "O espírito europeu vive, pois, numa tradição que se desenvolveu naquelas paragens onde, num momento vital da história, se formou e se expandiu a civilização da Hélade e

[26] Idem, *Ibidem*, p. 13.
[27] Idem, *Ibidem*, p. 17.
[28] Idem, *Ibidem*, p. 22.
[29] Conferência de 3 de Setembro de 1946 pronunciada por Francesco Flora, in op. cit., p. 39.

de Roma, que já, por sua vez, eram o resultado de precedentes sínteses"[30]. No entanto, não basta uma origem e um passado histórico europeu para reconhecer a presença do espírito europeu. Não poderemos chamar "europeia" à civilização americana que nasceu da Europa. Então, o que é o espírito europeu? O próprio historiador responde: "É o espírito órfico, o espírito da *classicidade*, nas palavras e nos costumes, o espírito do verdadeiro humanismo, que mais não significa que a própria liberdade humana, em que a absoluta sinceridade do homem e o carácter positivo da história universal se verificam"[31]. E mais adiante acrescentaria: "Espírito europeu significa, pois, o sentido trágico da história e da sua responsabilidade"[32]. É preciso discernir e encontrar na civilização europeia os traços europeus e os anti-europeus. É necessário encontrar o classicismo e o humanismo na civilização europeia. Aí está o espírito europeu.

c) Os valores europeus

Jean-R. De Salis tem como objectivo analisar a *realidade europeia* no quadro da geografia, da história e da economia. A Europa, esse "pequeno cabo do continente asiático", na expressão de Paul Valéry, ficou marcada pelo seu passado greco-romano e cristão. Toda a Europa está impregnada de cristianismo que determinou o seu espírito, os seus valores humanistas: "Não se sabe o que é mais característico no espírito europeu: se a necessidade, constantemente renovada, de eximir o indivíduo e de fixá-lo e proteger os seus direitos fundamentais proclamados pelo direito natural, se essa outra necessidade de limitar, em nome da ordem social, os direitos do indivíduo"[33]. Este respeito pelos direitos do homem, este humanismo, ficou determinado pelo cristianismo. A Europa tem uma natureza espiritual: "Nunca esqueçamos que a Europa foi um farol de espiritualidade que fez dela o centro da humanidade pensante e actuante. Pertence às gerações futuras a tarefa e a honra de voltar a iluminar este farol"[34].

Jean Guéhenno considera que existe um espírito europeu, para além da vontade dos políticos, um espírito sentido pelos povos da Europa:

"Espírito europeu? Sim existiu, existe. Esteve prestes a dar origem a uma nova pátria nos anos compreendidos entre 1910 e 1930. Depois de ter sido uma coisa de livros, uma abstracção de escritores, uma indução de historiadores, esteve quase a tornar-se uma realidade. Quase criou a Europa. Foi uma necessidade das massas, foi uma necessidade das nações europeias, dos povos europeus, tanto dos Alemães como dos Franceses, como dos Italianos. Nos anos de 1910 a 1914 quem não sentia, pois, que a Europa era, apesar de tudo, o seu destino? Esse

[30] Idem, *Ibidem*, pp. 41-42.
[31] Idem, *Ibidem*, p. 47.
[32] Idem, *Ibidem*, p. 49.
[33] Conferência de 5 de Setembro de 1946 pronunciada por Jean-R. De Salis, in op. cit. p. 100.
[34] Idem, *Ibidem*, p. 108.

destino era, sem dúvida, a França para um francês, a Alemanha para um alemão, a Itália para um italiano, mas era ao mesmo tempo a Europa, para os Italianos, para os Alemães, para os Franceses e para todos os outros. Mas aconteceu que os governos, as diplomacias, que estão sempre em atraso em relação às necessidades dos povos, foram, no entanto, os mais fortes. O passado foi o mais forte. Aos governos falta sempre presença de espírito"[35].

O espírito europeu sempre existiu e os povos europeus sempre sentiram esta unidade espiritual. Este sentimento não foi acompanhado pela vontade dos políticos. Só após a primeira guerra, tentaram construir a Europa mas, também, o mundo, através de uma Sociedade de Nações. Os políticos falharam, e, mais uma vez, foram os intelectuais a lembrarem a necessidade de criar uma Europa unida. Recordemos os discursos, em 1919, de Paul Valéry, a declaração de Romain Rolland pela independência do espírito ou a revista *Europe*, dirigida por Jean Guéhenno.

A Europa era uma necessidade. Todas as grandes oportunidades de construir a Europa foram desperdiçadas, mas, o espírito europeu sobreviveu a todos os fracassos políticos. No entanto, também se encontra em crise, como o próprio humanismo que é a sua expressão: "Quero referir-me à perda do espírito de verdade. É disso talvez que, moralmente, a Europa, o espírito europeu, pode morrer"[36]. A Europa parece ter renunciado à verdade, a essência do espírito europeu: "Posto isto, é bem evidente que, se quisermos restituir ao espírito europeu o seu génio e a sua força, teremos de sair de certas contradições. Creio que é necessário voltar ao espírito de verdade"[37]. O homem europeu, como bem definiu Descartes, é um juiz e recriador do mundo, um construtor da verdade. A salvação da Europa é aproveitar o contributo do pensamento europeu e conciliá-lo com a política da Europa. A Europa tem necessidade de conciliar a sua política com as ideias. É a vez de dar a voz aos intelectuais: "A quem cumpre restituir, efectivamente, ao espírito europeu o seu movimento, a sua força, etc.? Pois bem, minhas Senhoras e meus Senhores, apenas a nós próprios. E se este espírito morre, seremos pessoalmente responsáveis. A salvação da Europa? A salvação do espírito europeu? Apenas num humanismo militante"[38].

d)O problema da Europa

Denis de Rougemont olha para a Europa após segunda guerra procurando a sua fisionomia original, apagada pelo tempo e pela guerra. Os antigos fundamentos europeus – judeu-cristianismo, herança grega e direito romano – foram substituídos por Hitler pela sua negação. A Europa transformou-se numa

[35] Conferência de 6 de Setembro de 1946 pronunciada por Jean Guéhenno, in *op. cit.*, pp. 110-111.
[36] Idem, *Ibidem*, p. 115.
[37] Idem, *Ibidem*, p. 118.
[38] Idem, *Ibidem*, p. 121.

Anti-Europa constituída a partir do furor anti-cristão e anti-semita, pela negação dos direitos da pessoa, por um nacionalismo levado ás últimas consequências, por um fanatismo político muito mais perigoso do que o religioso. Mesmo a admirável resistência europeia entrou em decadência. Diz Rougemont:

"Parece que a *ideia de decadência*,acarinhada antes da guerra por pensadores tão diversos, quais Spengler, Valéry e Huizinga, tem vindo gradualmente a substituir nos nossos espíritos a de progresso automático. Oriunda de análises e pressentimentos das nossas fraquezas internas, vê-se confirmada e como que objectivada pela rápida ascensão de dois impérios extra-europeus. Foram eles, e não nós, quem ganhou a guerra. Foram eles que retomaram consigo a fé no progresso. Nós ficámos com a herança de uma derrota, com a nossa inquieta e fatigada consciência, com o nosso lúcido cepticismo..."[39].

Eis o retrato da Europa: uma Europa em ruínas, transformada num museu, uma Europa americanizada, por gosto, sovietizada, pela força, enfim, colonizada. Uma Europa ausente. Sobre esta realidade comenta Rougemont:

"Imaginemos o mundo feliz, próspero, e poderosamente organizado à volta desta ausência que, para a maioria, seria insensível. Que perdia o mundo? Que perdiam os nossos filhos?

É então que nos surge, como que desnudada por estas perguntas, uma resposta evidente e simples. Cabe numa pequenina palavra, vaga e pungente: a palavra *alma*. A Europa ausente, demissionária, colonizada, é um certo *sentido da vida*, uma certa consciência do humano, sim, é a alma de uma civilização que se perdia, *e se perdia não somente para nós, mas para todos*"[40].

O espírito europeu existe e tanto mais se define quando se defronta com dois novos impérios – o americano e o soviético. Perante esta realidade, a Europa tem valores específicos que precisam de ser salvaguardados para toda a humanidade. É preciso salvar a Europa evitando a guerra. Só com o federalismo isso é possível, já que o nacionalismo esmaga as diversidades enquanto o federalismo pretende unir e não unificar. O mundo precisa da Europa porque a Europa é a sua memória, "A Europa é a pátria da memória[41]". Que fazer? Diz Rougemont: "O que temos de pedir e obter todos é que as nações europeias se abram primeiro umas às outras, suprimam em todos os planos fronteiras e vistos, renunciem ao dogma criminoso da soberania absoluta, assim criando uma atitude nova, uma confiança – que, simultaneamente, abra a Europa ao mundo"[42]. Esta federação europeia será o princípio de uma federação mundial.

[39] Conferência pronunciada a 8 de Setembro de 1946 por Denis de Rougemont, *op. cit.*, p. 156.
[40] Idem, *Ibidem*, p. 160.
[41] Idem, *Ibidem*, p. 169.
[42] Idem, *Ibidem*, p. 170.

Outros conferencistas, como Georg Lukács , Stephen Spender ou Georges Bernanos, chamariam a atenção para a crise europeia e para a necessidade de um futuro espiritual da Europa. Karl Jaspers diz-nos que é preciso procurar a Europa. À pergunta – O que é a Europa? - Responde:

"A Europa é a Bíblia e a Antiguidade. A Europa é Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, é Fídias, é Platão e Aristóteles e Plotino, é Virgílio e Horácio, é Dante e Shakespeare, é Goethe, Cervantes, Racine e Molière, é Leonardo, Rafael, Miguel Ângelo, Rembrandt, Velásquez, é Bach, Mozart, Beethoven, é St.º Agostinho, St.º Anselmo, S. Tomás, Nicolau de Cusa, Espinosa, Pascal, Rousseau, Kant, Hegel, é Cícero, Erasmo, Voltaire. A Europa está nas suas catedrais, seus palácios e suas ruínas, é Jerusalém, Atenas, Roma, Paris, Oxford, Genebra, Weimar. A Europa é a democracia de Atenas, da Roma republicana, dos Suiços e dos Holandeses, dos Anglo-Saxões. Nunca acabaríamos se quiséssemos enumerar tudo o que é grato ao nosso coração, uma inesgotável riqueza de espírito, de moralidade, de fé"[43].

Em suma, a Europa é a sua cultura e o seu espírito, a Europa é a liberdade, a história e a ciência, a Europa é humanismo. Será isto um sonho? Voltamos a Karl Jaspers para dizer: "Se é um sonho, ouso responder que é talvez um daqueles sonhos que, em todos os tempos, fizeram nascer os valores humanos e pelos quais vale a pena viver"[44]. Seremos, então, "europeus se verdadeiramente nos tornarmos homens"[45].

A Europa chegou ao fim de um caminho, sem saída. A sua recuperação passa por voltar a olhar para os seus fundamentos históricos, o seu rejuvenescimento passa por voltar-se para os seus antigos valores, por recuperar a sua unidade espiritual, por encontrar, de novo, o seu espírito.

Considerações Finais

Uma Europa à procura de si mesma, parece ter (re)encontrado na cultura europeia a sua verdadeira unidade. Até a própria Constituição Europeia, apesar da sua fragilidade, se deu conta dessa evidência. Uma unidade essencial representada na realidade por uma diversidade, que não desvirtua mas, antes, enriquece a União Europeia. É preciso não perder de vista que, para além de realidades distintas que lhe dão forma e colorido multicolor, a Europa precisa desesperadamente de reencontrar o seu próprio espírito. Esse espírito europeu não condiciona as várias realidades europeias. Esse espírito fundamenta e garante a unidade, não a unicidade. É, aliás, pela riqueza do seu espírito que a Europa aparece sob formas tão distintas de ser. É esse espírito europeu que fundamenta

[43] Conferência de 13 de Setembro de 1946, pronunciada por Karl Jaspers, *op. cit.*, p. 304.
[44] Idem, *Ibidem*, p. 329.
[45] Idem, *Ibidem*, p. 330.

uma cultura europeia, apesar de todas as culturas que a integram. É esse espírito europeu que fundamenta e sustenta todas as identidades europeias permitindo, em última instância, identificar uma identidade europeia comum.

Em todos os momentos de perturbação, foi o espírito europeu que garantiu à Europa erguer-se. Muito particularmente no século XX, após os grandes conflitos mundiais. Após a primeira grande guerra, com o despontar de todos os nacionalismos, a consciência da crise europeia foi profundamente sentida, não apenas como uma crise material mas, também, como uma "crise de l'esprit", diagnosticada brilhantemente por Paul Valéry. Esta crise do espírito europeu só podia ser resolvida pela recuperação dos fundamentos comuns dessa consciência europeia. Afinal, todos tinham, agora, consciência da sua mortalidade. Como lembrava este pensador "Nous autres, civilisations, nous savons maintenant que nous sommes mortelles"[46].

Da mesma forma, seria pela tragédia que a Europa se lembraria, mais uma vez do seu espírito perdido. O «mal du siècle» causara profunda ruína material e um mal-estar espiritual profundo, que punha até em causa a própria Europa como um todo. Toda a conjuntura era de perturbação, de instabilidade e de precariedade. Parecia oculta qualquer identidade europeia e, ao mesmo tempo, todos a sentiam como uma necessidade vital. Era necessário recuperar o espírito europeu. Disso tinham consciência os intelectuais. Só as raízes humanistas podiam salvar a Europa das suas tragédias. Só um verdadeiro espírito europeu, visível pela cultura, podia sobreviver às feridas de morte do corpo europeu. No passado como no presente. A consciência europeia é uma consciência criadora, como mostra a sua própria literatura. É essa consciência que (so)brevive a todas as agonias da Europa. Para além de todas as crises europeias, o espírito europeu permanece. A própria Europa não o reconhece: é o enigma europeu.

[46] Paul Valéry, « La crise de l'esprit », *Varieté,* Paris, Folio, p. 13.